



Vida Económica Seguros 04-12-2015	Periodicidade: Semanal	Temática: Banca/Seguros
	Classe: Economia/Neócios	Dimensão: 731
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
	Tiragem: 26000	Página (s): 1/9

Notícia Pág. 9

Marsh alerta para os perigos e falta de proteção

Um quarto das empresas nacionais foi alvo de ataques cibernéticos em 2014

Marsh alerta para os perigos e falta de proteção

Um quarto das empresas nacionais foi alvo de ataques cibernéticos em 2014

ELISABETE SOARES

elisabetesoares@vidaeconomica.pt

Em Portugal, 23% das empresas foram alvo de um ataque cyber no ano de 2014. Este dado consta de um estudo levado a cabo pela Marsh Europa, corretora que pertence ao grupo Marsh, líder mundial na corretagem de seguros e consultadoria de risco. Em comparação com a situação das empresas a nível europeu verifica-se que 28% destas já sofreu um ataque nesse período de 12 meses.

Assim, 29% das empresas portuguesas destacaram como maior ameaça, num cenário de perda cibernética, a interrupção do negócio. Consideram ainda que três das maiores ameaças podem ter origem em hackers (39%), ameaça interna (30%) e erros operacionais (27%). Por seu lado, 24% das empresas europeias considera que a fuga de informação dos clientes é a pior ameaça de um ataque cibernético, seguindo-se a interrupção do negócio (22%), a perda financeira direta consequência de crime cibernético/fraude (12%). Mais de metade das empresas já identificou um ou mais cenários de ataques cibernéticos de que a sua empresa poderia ser alvo, no entanto 74% não estimou o impacto financeiro que essa ameaça implicaria e 87% afirmaram não ter quaisquer planos para subscrever um seguro de cyber.

Conhecimento básico ou limitado

O estudo, apresentado recentemente em Lisboa e Porto, apurou ainda que 79% das empresas europeias têm, na melhor das hipóteses, um entendimento básico da sua exposição ao risco cyber e um total de 68% nunca calculou o impacto financeiro da empresa, aquando de um ataque cyber. No entanto, cerca de 57% identifica o risco cibernético no top dos seus riscos corporativos.

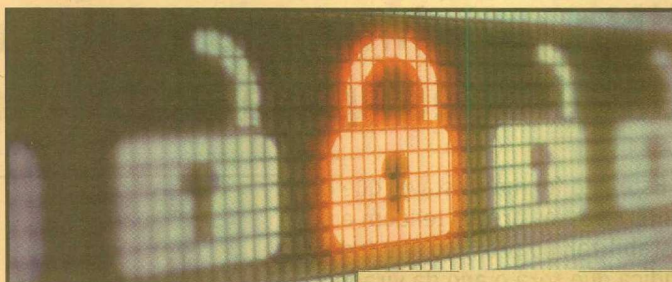
Em relação às empresas portuguesas verifica-se que 64% tem um conhecimento básico ou limitado sobre a exposição ao risco cibernético.

O estudo teve como objetivo primordial perceber o nível de conhecimento das empresas relativamente aos riscos cyber e quais as suas reações e processos em curso para responder a estas ameaças. Revelou, assim, dados muito interessantes quer no conhecimento destas ameaças quer nas respostas das empresas face a este tipo de risco.

A líder mundial em corretagem de seguros e gestão de riscos apurou que as empresas em toda a Europa têm subvalorizado os riscos cibernéticos que enfrentam diariamente e que é urgente fazer mais para melhor avaliar e combater estas ameaças.

O estudo conclui também que 75% das empresas portuguesas identifica o departamento de IT (Tecnologias de Informação), como o responsável pela revisão e gestão dos riscos cibernéticos. A nível das empresas europeias a responsabilidade do departamento de IT desce para os 65%, enquanto a administração e gestão de riscos da empresa aumenta a responsabilidade neste aspeto.

De acordo com Ana Marques, finpro business development da Marsh, "é im-



Cerca de 64% das empresas portuguesas tem um conhecimento básico ou limitado sobre a exposição ao risco cibernético

perativo que as organizações repensem as suas estratégias, munindo-se de meios suficientes para dar respostas a um incidente de segurança em tempo real". Acrescenta, que "independentemente dos investimentos em soluções sofisticadas e esforços para melhorar os controlos internos, os números revelam que não é uma questão de se, mas uma questão de quando".

Por último é visível que as empresas portuguesas, 89%, não tem conhecimento suficiente sobre o seguro cyber, e só 9% tem um seguro que responde a um numero limitado das necessidades da sua empresa.

A nível europeu a situação é diferente, já que 57% das empresas europeias não

tem conhecimento suficiente sobre o seguro cyber, mas 7% tem um seguro disponível que responde a todas as necessidades da empresa, enquanto 26% tem um seguro que responde a um número limitado das necessidades da sua empresa.